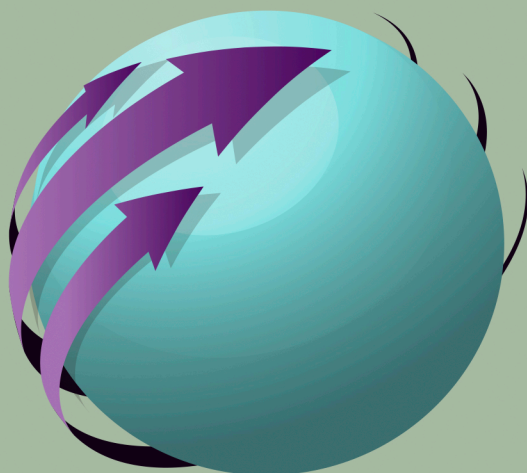


JANINE MARTA COELHO RODRIGUES
SILVESTRE COELHO RODRIGUES
ORGANIZADORES



DESAFIOS

CONTEMPORÂNEOS DA DOCÊNCIA

DESAFIOS

CONTEMPORÂNEOS DA DOCÊNCIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

REITORA

Margareth de Fátima Formiga Diniz

VICE-REITORA

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira



DIRETOR DO CCTA

José David Campos Fernandes

VICE-DIRETOR

Ulisses Carvalho da Silva



CONSELHO EDITORIAL

Carlos José Cartaxo

Gabriel Bechara Filho

José Francisco de Melo Neto

José David Campos Fernandes

Marcílio Fagner Onofre

EDITOR

José David Campos Fernandes

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL

Paulo Vieira

LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

COORDENADOR

Pedro Nunes Filho

JANINE MARTA COELHO RODRIGUES
SILVESTRE COELHO RODRIGUES
ORGANIZAÇÃO

DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS DA DOCÊNCIA

EDITORA DO CCTA
JOÃO PESSOA
2018

Capa e projeto gráfico: Luiz Alberto

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

D441 Desafios contemporâneos da docência / Organizadores: Janine Marta Coelho Rodrigues, Silvestre Coelho Rodrigues. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.
78 p.

ISBN: 978-85-9559-146-2

1. Educação. 2. Educação à Distância. 3. Professores - Formação. 4. Docência. I. Rodrigues, Janine Marta Coelho. II. Rodrigues, Silvestre Coelho.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 37

Foi feito depósito legal

Todos os textos são de responsabilidades dos autores.

Direitos desta edição reservados à: EDITORA DO CCTA/UFPB

Cidade Universitária – João Pessoa – Paraíba – Brasil

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....7

APRESENTAÇÃO.....9

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD): UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO DA DOCÊNCIA.....11

Basílio Henrique Pereira Júnior

A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....27

Aline Freire Falcão

FORMAÇÃO DOCENTE: ESPAÇO DE LUTA E CRIAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....41

Silvestre Coelho Rodrigues - Aureliana da Silva Tavares - Suely Aragão Azevedo Viana

DISCUTINDO A DOCÊNCIA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR COM VISTAS A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EJA.....59

Janine Marta Coelho Rodrigues - Eloíde Teles Silva Grisi,

PREFÁCIO

Discutir a educação hoje, numa sociedade denominada, plural e interdisciplinar, torna qualquer escrito sobre o tema, uma oportunidade de refletir sobre a educação reconhecendo-a como um direito constitucional.

Trazer ao leitor, conjunto temático organizado e articulado com temas atuais e de relevância social, demonstra a preocupação dos autores através de reflexões pontuais pensar as formas de realizar uma educação possível, capaz de sensibilizar os profissionais da educação e leitores interessados, a sentirem-se estimulado na revisão das práticas pedagógicas, objetivando ao mesmo tempo, oportunidades pessoais de crescimento e um direcionamento nas relações professor-aluno.

Este estudo interativo alcançará sem dúvida um número bem maior de leitores que serão beneficiados com a apreensão dos textos aqui apresentados.

Ter esperança que pelo ato educativo podem acontecer transformações pessoais e sociais se constituem o foco central desse estudo.

João Pessoa, janeiro de 2019.
Prof. Dr. Silvestre Coelho Rodrigues /UFPB

APRESENTAÇÃO

O presente estudo, apresenta de forma interessante e bem articulada, temas que discutem os processos educativos e docentes tanto no aspecto formativo como nas práticas pedagógicas efetivadas à luz das ideais pedagógicas de Paulo Freire, Has e Lopes, Gusdof, Libaneo entre outros.

Tendo como fio condutor os Desafios contemporâneos da docência, o estudo traz como abertura a Educação à distância, que discute os recursos à distância, o uso de tecnologia e o papel docente em novos espaços de aprendizagem.

Em seguida se apresenta a construção da Docência na relação professor aluno onde são compreendidos os elementos que implicam na aprendizagem e com relações que estabelecem entre o professor e o aluno oportunizando um saber-fazer comprometido no processo educativo.

Apresenta então esse estudo, em capítulo intitulado Formação Docente como espaço de luta e criação na sociedade contemporânea. Os autores discutem os fatores que tratam da educação como uma prática social para aquisição de conhecimento que permitam a participação de todos no processo que, a luz do ideário freireano favorece o surgimento de uma educação emancipatória.

Finalizando temos o texto: Discutindo a docência uma análise dos processos para formação de professores de Educação de Jovens e Adultos – EJA que traz uma reflexão sobre seu contexto atual, analisando as políticas públicas e a necessidade da ressignificação dos processos de aprendizagem voltados a EJA.

É um estudo consistente, interessante que permite ao leitor pensar e repensar os caminhos da educação.

Janeiro 2019

Prof^a. Dr^a. Janine Marta Coelho Rodrigues

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD): UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO DA DOCÊNCIA

Basílio Henrique Pereira Júnior,
Especialista, UNINASSAU/PE

IDEIAS PRELIMINARES...

A oferta de cursos a distância com o uso das tecnologias digitais vem se consolidando no cenário educacional brasileiro, abrangendo diversas áreas e níveis. Como consequência, a função docente exercida neste novo ambiente de aprendizado ganha relevo, gerando desafios a serem enfrentados e atitudes para o alcance da aprendizagem significativa e emancipatória dos usuários nas plataformas virtuais.

O trabalho tem como objetivo fazer um ensaio dos desafios encontrados pelos docentes na Educação a Distância contemporaneamente. Trata-se de uma revisão bibliográfica onde foi utilizada como fonte de pesquisa o sítio eletrônico do *google* acadêmico. Como critério de inclusão na discussão deste trabalho foram inseridos os artigos publicados do período de 2013 a 2018 (últimos 5 anos, com exceção das políticas públicas e conceitos) para garantir a atualidade da abordagem. Foram

excluídos os trabalhos que fugiam do tema ou não se adequavam a discussão.

A Educação a Distância abriu novos horizontes e mostrou uma nova forma de construção da Educação, porém ainda é uma realidade que enfrenta problemas pedagógicos, logísticos e necessita de um maior debate e aprofundamento na temática para sua implementação, eficaz e reconhecimento do papel do docente neste novo ambiente de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A Educação à Distância (EAD) é uma realidade no cenário mundial, porém com ela surgem inúmeros desafios em diversas esferas. A docência por intermédio da EAD ainda é uma barreira para muitos profissionais da área educacional o que implica num estudo mais aprofundado dos desafios encontrados pelos docentes neste novo ambiente de aprendizado.

A história da EAD começa na década de 90, quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Lei Federal 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu art. 80 instituiu ao Poder Público incentivar o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada. (BRASIL, 1996).

O Art. 26, do Decreto Federal nº. 5.622/05, na letra b do inciso IV, prescreve que as Instituições devidamente credenciadas a oferecer a Educação a Distância deverão proceder a “seleção e capacitação dos professores e tutores” (BRASIL, 2005), como uma das responsabilidades que a oferta de cursos ou programas a distância impõe.

Segundo Haas e Lopes (2014) os Referenciais de Qualidade para Educação Superior à Distância (BRASIL, 2007), ainda que

sem força de lei, servem de balizador para os processos específicos de regulação, supervisão e avaliação da modalidade citada.

É um pensamento errôneo imaginar que as plataformas virtuais dos programas a distância minimizam o serviço e a mediação do docente. Pelo contrário, nos cursos superiores a distância, os professores veem suas funções se expandirem, o que requer que sejam altamente qualificados (Haas e Lopes, 2014).

Em uma instituição de ensino superior que promova cursos a distância, os docentes devem ser capazes de: a) estabelecer os fundamentos teóricos do projeto; b) selecionar e preparar todo o conteúdo curricular articulado a procedimentos e atividades pedagógicas; c) identificar os objetivos referentes a competências cognitivas, habilidades e atitudes; d) definir bibliografia, videografia, iconografia, audiografia, tanto básicas quanto complementares; e) elaborar o material didático para programas a distância; f) realizar a gestão acadêmica do processo de ensino-aprendizagem, em particular motivar, orientar, acompanhar e avaliar os estudantes; g) avaliar-se continuamente como profissional participante do coletivo de um projeto de ensino superior a distância. (BRASIL, 2007, p. 20. Adaptado de Haas e Lopes, 2014)

Valente e Moran (2011) enfatizam que a EAD está transformando o modo do processo de ensino e aprendizagem, incluindo o presencial, que se utiliza por meio do ambiente virtual,

recursos pedagógicos semipresenciais, tornando flexível a necessidade do discente presente na sala de aula, com a reorganização dos espaços e tempos, mídias, linguagens e processos educacionais.

A EAD tem se estabelecido como um desafio para solidificar democraticamente o ensino superior com qualidade no país. Ela apresenta-se como uma possibilidade flexível de acesso à formação, superando dificuldades como: distâncias geográficas, por exemplo, favorecendo a administração do tempo por parte de alunos e professores (AZEVEDO, 2015).

Com o acesso cada vez maior de brasileiros que estão usando a internet, o ambiente virtual educacional pode ser um fator importante para a socialização, popularização e democratização do saber. Uma característica marcante desta modalidade é a mídiatização das relações entre docentes e discentes, substituindo a aula presencial tradicional, por uma proposta na qual o tempo e o espaço podem ser distintos (AZEVEDO, 2015).

Apesar dos programas semiestruturados, a forma na qual a EAD está disposta cria um ambiente no qual o aluno pode aprender aquilo que pessoalmente lhe desperta interesse, atendendo as suas necessidades atuais de acordo com a sua realidade. Princípio proposto pela pedagogia Freireana, onde a educação deve ser instrumento de despertar da relação entre aluno e o seu mundo, sua vivência, como indivíduo que acorda sua consciência reflexiva para o que ele quer aprender.

Nesse sentido, o docente mediador deste processo de ensino-aprendizagem é constantemente desafiado a assimilar inovações e estar sempre atualizado de todas as modificações oferecidas pela plataforma. O papel do professor nesta modalidade virtual é imprescindível e a amplitude e profundidade de suas ações podem ser fatores determinantes na reflexão, despertamento, absorção e aplicação do conteúdo proposto ao alunado.

Relação Docente x Discente: O Professor “na tela” e o aluno “telespectador”

A docência na atualidade não é uma tarefa fácil, pois diferentemente do que acontecia num passado não tão distante, ser especialista em um determinado conteúdo já era suficiente para seus alunos. Hoje, é basal que, enquanto professores, deve-se criar um ambiente no qual os alunos construam o conhecimento em uma sociedade tecnológica, informatizada, conectada, interligada ao conhecimento imediato, seja ele verdadeiro ou discutindo os perigos das *fake news*, proporcionando aos discentes caminhos para suas carreiras profissionais, ajudando-os a solucionar problemas contemporâneos, auxiliando-os no seu aprendizado.

Segundo Costa e Vallin (2014), em sua concepção, a Educação a Distância não se difere da educação presencial, pois ambas são exercidas através de complexas relações estabelecidas em dois sentidos: ensinar e aprender. Nessas interações, enquanto ensina o professor aprende; enquanto aprende, o aluno

ensina. É a partir dessas relações, da partilha de experiências, saberes e informações entre os sujeitos pedagógicos que ocorre a construção do conhecimento.

Porém Haas e Lopes (2014) apontam uma realidade diferente desta relação virtual entre professor e aluno proposta por Costa e Vallin (2014). Elas afirmam que, dependendo da abordagem de navegação, o contato do docente com o discente é mudado. Basicamente, existem dois tipos de abordagens de navegação, nas plataformas educacionais, para mediar o conteúdo transmitido, chamadas de: síncronas e assíncronas, podendo estas serem usadas separadamente, ou combinadas.

Abordagens síncronas são aquelas nas quais professores e alunos devem estar utilizando a ferramenta no mesmo instante, mas sua utilização é limitada, pois há empecilhos tecnológicos para sua implementação, como: boa conexão à internet em ambos os lados (professor e aluno), plataforma adequada para transmissão ao vivo, câmeras, luz e microfone de boa qualidade, dentre outros elementos (BRITO, 2003).

Nas abordagens assíncronas pode ocorrer a interação independentemente da presença de ambos, podendo ser realizada em momentos distintos, não havendo necessidade da presença do professor e aluno em tempo real e simultâneo de uso, tornando mais flexível a interação entre eles, estabelecendo uma dinâmica importante para o desempenho dos alunos e os estimulando a criarem questões bem elaboradas para discussões (BRITO, 2003).

Na modalidade da EAD, sobretudo na abordagem assíncrona, o professor não sabe se o aluno está visualizando os conteúdos, se estudou determinado assunto, se assistiu ao vídeo proposto ou se apenas está entrando na sala para marcar presença. Os conteúdos e atividades são postados, ficando o estudo e a execução dos exercícios por conta do aluno, que os envia posteriormente ao professor para verificação (HAAS e LOPES, 2014).

Neste sentido, partindo da análise da relação entre Professor e Aluno, a atividade docente não envolve apenas transmissão de conteúdo, mas criação de vínculos, afetividade, laços de amizade, identificação com a realidade do discente e até mesmo subjetividade.

Na Educação a Distância a docência se torna ainda mais complexa em função da inserção de novos sujeitos em um mesmo propósito educacional. No contexto da EAD o ensinar não está focado na figura de apenas um professor. Novos profissionais são envolvidos na ação docente, com papéis um pouco distintos daqueles que são verificados no ensino presencial: o professor-autor do material proposto na disciplina, o professor-formador que ministrará as aulas gravadas, o professor-tutor que receberá os alunos nos encontros presenciais e transmitirá através de recurso audiovisual as aulas gravadas pelo professor-formador, o professor-revisor responsável pela correção dos trabalhos e provas, o coordenador de tutoria, o tecnólogo educacional, responsável por toda parte técnica da plataforma e dúvida dos

alunos nos acessos ao ambiente virtual, dentre tantos outros, constituindo uma equipe multidisciplinar e interdependente (COSTA e VALLIN, 2014).

A inserção desses novos atores na vida do discente, neste processo educativo desenvolvido por meio da modalidade a distância redimensiona o processo ensino-aprendizagem e caracteriza a poli-docência, onde todos, de forma direta ou indireta, se tornam professores na vida do aluno (COSTA e VALLIN, 2014).

Outra problemática enfrentada na EAD que corrobora para esta lacuna na relação docente-discente é a barreira geográfica entre os atores deste ambiente. A distância física entre alunos (um mora na região Norte, enquanto o outro mora na Região Sul), e desses discentes com os docentes da Instituição que oferece o curso, evoca a necessidade de se pôr em pauta como será a prática educacional, através da pesquisa e diálogo, abrindo espaço para o aluno falar na plataforma, ouvi-lo e dar o feedback da sua interação, aproximando-o, como tentativa de reparar esse abismo geográfico, evitando uma mera reprodução de conteúdo e informações.

Segundo a Associação Brasileira de Educação a Distância (2012), a linguagem na EAD é a base para uma interação de qualidade, incluindo desde a produção de materiais didáticos até as ações de tutoria, cabendo ao professor da plataforma aproveitar as atividades de leitura e de escrita, especialmente as realizadas em ambientes virtuais de aprendizagem, para uma

interação verbal concreta, promovendo a reflexão sobre essa prática e também sua progressão, o que significa construção de conhecimento.

A linguagem é um dos recursos que pode garantir a interação docente-discente, desde que atenda a determinados aspectos, como:

- a) Informalidade* (conversação didática), embora nos materiais didáticos se deva utilizar linguagem formal, em situações como fóruns e chats, a informalidade contribui para a aproximação com o aluno, dando-lhe a impressão de estar mesmo conversando com seu interlocutor;
- b) Cordialidade* O tutor precisa, através de mecanismos motivacionais, envolver os alunos nas discussões e nas atividades relacionadas ao curso, a ponto de que eles próprios construam as condições gerenciais de sua formação;
- c) Clareza* É um elemento fundamental do texto mostrar o que ele realmente quer dizer de maneira clara e objetiva;
- d) Personalização*: O material deve estar adequado aos interesses do aluno;
- e) Elementos não-verbais*: Materiais visuais para melhor compreensão do tema proposto;
- f) hipertextualidade/hiperreflexiva*: Este tipo de linguagem procura construir um diálogo entre o professor-autor do material escrito para o discente. Como há a ausência do professor no ambiente de leitura do texto, falta de expressões faciais e tons de voz dificulta muitas das vezes a sua reação compreensão e ênfases. Na redação do material devem conter situações

e elementos que levam naturalmente o discente a refletir sobre determinado ponto proposto, levando-o inclusive a outras leituras, textos e vídeos para solucionar os questionamentos levantados pelo autor, e os próprios questionamentos do aluno, gerando nele uma autonomia no processo de ensino-aprendizagem. (BRASIL, 2007, p. 13. Adaptado de Haas e Lopes, 2014)

Assim como no ensino presencial, o professor que ensina na plataforma educacional a distância exerce diversas funções, dentre elas: idealizador e produtor de um curso ou disciplina, elaborador do projeto pedagógico, gerenciador do ambiente virtual, autor do material impresso ou eletrônico, mediador entre o aluno e o conteúdo proposto, pesquisador de novas tecnologias e recursos didáticos através de uma linguagem acessível e hiperreflexia, dentre outras.

Ao lançar novas perguntas, problematizações, e dúvidas, o docente contribui para a reflexão e o aprimoramento do raciocínio do aluno. Desse modo, o professor exerce, seu papel na docência a distância e contribui para que o aluno estabeleça relações mais reflexivas, desenvolva seu senso crítico e se aprofunde cada vez mais entre a teoria e a prática.

Desafios das funções do docente no ambiente virtual

A interação que é construída pela conexão com a individualidade de cada aluno e suas distintas concepções, relações e visões do mundo ao seu redor, que tornam o conhecimento hu-

manizado, dinâmico e significativo para quem aprende e quem ensina.

Uma das principais necessidades específicas da construção do processo de ensino e aprendizagem na educação a distância é proporcionar um ambiente no qual os professores distantes se tornem próximos. A dificuldade em lidar com a “ausência” do professor mantém-se mesmo entre alunos que já estudam em cursos EAD há algum tempo (FREITAS e FRANCO, 2014).

Uma pesquisa feita com estudantes de um curso de Pedagogia a distância com duas turmas: Na Turma 1 eles iniciaram suas atividades acadêmicas no segundo semestre de 2009 e a Turma 2 no segundo semestre de 2011, ambas as turmas em seus relatos destacam a necessidade do contato direto com o professor, através de encontros presenciais periódicos para que alunos conheçam pessoalmente tutores e professores e possam trocar experiências, ou de interação direta entre professores e alunos no Ambiente Virtual de Aprendizagem, ou ainda de videoaulas mais dinâmicas que não sejam mera reprodução do que está escrito no guia impresso (FREITAS e FRANCO, 2014).

Porém Freire (1996) tratava da autonomia como uma das bases da educação. Na EAD, essa autonomia se torna mais necessária, exigindo que o professor problematize para o aluno refletir e estabelecer relações, chegando a sua produção de conhecimento. O Ensino a Distância gera no aluno uma autonomia jamais vista em seu processo de construção do conhecimento. Esta “independência” não deve ser entendida

como uma atividade solitária, mas como uma ação coletiva entre aluno, professor e outros alunos. Nessa relação, o docente torna-se responsável pelas novas aprendizagens, mesmo diante de tantas dificuldades neste ambiente virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação a Distância abriu novos horizontes e mostrou uma nova forma de construção da Educação, redimensionando tempos e espaços de aprendizagem, antes inflexíveis e engessados pela forma presencial, abrindo portas para ambientes mais flexíveis e adaptáveis neste processo de construção do saber.

Porém, para que os projetos a serem desenvolvidos na modalidade EAD tenham êxito, faz-se necessária uma excelente mediação pedagógica, adaptada a realidade virtual, treinada e capacitada para lidar com esta nova realidade, com professores inteirados das plataformas virtuais e aptos a mudanças, atualizações e transformações deste ambiente. Esta construção deve envolver todos os atores do ambiente virtual. A formação de professores no Brasil está caminhando para integrar de forma eficiente a EAD em seus processos de formação docente.

A atividade docente na EAD deve ser focada em motivar e potencializar a aprendizagem de um adulto, tecendo significações, mapeando relevâncias, mediando relações, e requer um processo tecnológico, sobretudo no que se refere ao planejamento prévio, muito mais depurado que nas instituições educativas de caráter presencial.

Faz-se necessário mais estudos que se aprofundem nesta temática, rastreando os desafios da EAD no Brasil, as dificuldades enfrentadas pelos seus atores (gestores, funcionários técnicos, professores e alunos), o feedback dos alunos e como esses discentes veem todo este processo, afinal, tudo é criado para eles. Agindo assim, a Educação a Distância ganhará mais força e será implementada e aprimorada de forma mais eficiente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Associação Brasileira de Educação a Distância. Relatório de Pesquisa. **Interação na Educação a Distância: uma garantia através da linguagem dialógica**. Categoria: Pesquisa e Avaliação. Setor Educacional: Educação Universitária. Brasília-DF, maio 2012. Disponível em: < <http://www.abed.org.br/congresso2012/anais/200f.pdf> > Acesso em: 03 jan. 2019

BRASIL. **Lei Federal nº. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 02 jan. 2019.

BRASIL. **Decreto Federal nº. 5.622**, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/decreto/D5622> Acesso em: 02 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Referenciais de Qualidade Para Educação Superior**

a Distância. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>> Acesso em: 02 jan. 2019.

BRITO, M.S. da S. **Tecnologias Para EaD Via Internet.** In: NOVOA, C.; ALVES, L. (Org.). Educação e Tecnologia: trilhando caminhos. Salvador: Ed. da UNEB, 2003. Disponível em: <<http://www.lynn.pro.br/pdf/educatec/brito.pdf>> Acesso em: 04 jan. 2019.

COSTA, Júlio Resende; VALLIN, Celso. Pressupostos teóricos para a docência na ead: reflexões preliminares acerca da mediação pedagógica. **InterSciencePlace**, v. 1, n. 28, 2015.

FREITAS, Maria Teresa Menezes; FRANCO, Aléxia Pádua. Os desafios de formar-se professor formador e autor na Educação a Distância. **Educar em Revista**, p. 149-172, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

AZEVEDO, Adriana Barroso de - Docência na Educação a Distância: Desafios da formação¹. **International Studies on Law and Education.** Publicado em: 21/09/2015. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle21/39-50Adriana.pdf>> Acesso em: 02 de jan de 2019.

HAAS, Celia Maria; LOPES, José Norberto Souza. **Desafios da docência em Educação a Distância: o que dizem os professores.** Informática na educação: teoria & prática, v. 17, n. 2. 2014 – Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/47953>> Acesso em: 02 de janeiro de 2019.

VALENTE, J.A.; MORAN, J.M. (Org.). **Educação a Distância: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2011. p. 52-58

A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Aline Freire Falcão
Especialista, CBPEX/FABEX

IDEIAS PRELIMINARES...

O presente artigo relata os desafios contemporâneos da docência na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem com base na convivência compartilhada de saberes. Com o objetivo de analisar os desafios contemporâneos da docência na relação professor-aluno.

Partindo de um pressuposto que, paradigmas foram quebrados através dos avanços tecnológicos e metodológicos utilizados para garantir a dedicação do aluno na sala de aula. Essa relação é alvo de grandes discussões no contexto atual. Hoje, com o advento da tecnologia, os meios para obter informações estão cada vez mais fáceis, mas com todo esse avanço existe um grande número de informações compartilhadas que merecem uma atenção voltada para o que, verdadeiramente, é correto e qual referência seguir.

Conclui-se que, nessa relação há uma extrema importância no papel do professor e permitiu refletir sobre as modificações que ocorreram diante desse papel e o cenário em que ele atua hoje, visto que, o mundo passou por transformações intensas gerando desafios a cada dia. Assim, as relações estabelecidas entre o saber e o fazer na conjuntura do educar e aprender são importantes na formação do aluno crítico-reflexivo em meio as mudanças na sociedade, trazendo práticas pedagógicas e eficazes.

INTRODUÇÃO

A relação professor-aluno em sala de aula é alvo de grandes discussões no contexto atual. Vê que o desafio do educador na sala de aula é voltado a não se limitar ao conhecimento, para que o assunto exposto seja alvo de discussões, onde o aluno faça parte dessa dinâmica de troca de informações, assim ele passa a ser um mediador do saber e não um detentor dele, como era observado antigamente, professor superior ao aluno (GADOTTI,1999).

Hoje, com o advento da tecnologia, os meios para obter informações estão cada vez mais fáceis, mas com todo esse avanço existe um grande número de informações compartilhadas que merecem uma atenção voltada para o que, verdadeiramente, é correto e qual referência seguir. Tem-se no docente, o mediador de todo esse trâmite entre a comunicação falsa e verdadeira, trazendo ao aluno uma relação de conforto e segurança nas notícias compartilhadas e discutidas em todo mundo (AMANTE,2011).

O docente tem que ser capaz de cultivar as diferenças, criar espaços para ampliar o conhecimento e ter a delicadeza ao ver o desenvolvimento do aluno, e ainda se caracterizar como modelo para competências e habilidades numa diversidade de imagens e representações, no mundo digital que se vive no presente contexto (SILVA e FELICETTI,2014).

O grande desafio encontrado nesse elo é de como reproduzir o conhecimento e trazer na prática o que o aluno levará para sua vida cotidiana de forma que seu tempo em sala de aula seja aproveitado ao máximo, mesmo com todos os entraves de sua vida comum trazendo enfoques atuais e diversificados sem fugir do conteúdo exposto.

Para Libâneo (1991, p. 54):

Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. Portanto o conhecimento que o educando transfere representa uma resposta à situação de opressão a que se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica

O presente artigo relata os desafios contemporâneos da docência na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem com base na convivência compartilhada de saberes. Com o objetivo de analisar os desafios contemporâneos da docência na relação professor-aluno. Partindo de um pressuposto que, paradigmas foram quebrados através dos avanços tecnológicos e metodológicos utilizados para garantir a dedicação do aluno na sala de aula.

Contudo ainda se tem dificuldades a serem enfrentadas como a adesão de alguns professores aos avanços e a adequação de ambos as metodologias que surgem dia a dia, isso são batalhas que deverão ser vencidas conforme se percebe a importância

dessa aliança para que o aprendizado se torne cada vez mais ativo.

Professor em destaque

A aprendizagem é algo que deve ser prazeroso de vivenciar e, de forma estratégica, o docente deve obter meios que facilitem esse saber, através da motivação e do envolvimento do aluno na sua aula. Um educador que incentive e explore o que de melhor cada indivíduo tem, faz do ensino um ambiente com significado e relevância onde o aluno adquire competências e habilidades num processo natural (OLIVEIRA e CHADWICK,2008).

O educador é quem media o processo de ensino-aprendizagem junto ao aluno, isso refere-se a toda conjuntura onde estão inseridos, assim, se faz necessário estar sempre se atualizando para que dê seguimento as transformações existentes no mundo globalizado na contemporaneidade (BELOTTI e FARIAS,2010).

Segundo Freire (1996), professor adequado é aquele que traz o aluno para viver intensamente o seu pensamento na intimidade, onde a aula não se torna cansativa nem fatigante, ele faz da sala de aula um local surpreendente onde os mesmos se sintam confortáveis ao estar lá, assim nenhum docente passa por seus alunos sem deixar sua marca.

A colaboração docente é essencial para sensibilizar a educação de acordo com as exigências das demandas sociais adequadas ao contexto em que se vive atualmente. Segundo

Pimenta (2005), “os professores contribuem com seus saberes, seus valores e suas competências nessa complexa tarefa”.

Para Saviani (2003), a educação se relaciona com a sociedade, então o professor pode dar sua contribuição na transformação estrutural da mesma, colaborando para uma prática com interesses populares, facilitando todo o aprendizado, formando seres capazes de modificar a conjuntura do local em que vive.

O professor é referencial na formação dos seus alunos, ele tem papel fundamental e importante na relação que é estabelecida, o contato pactuado entre ele é fundamental para o crescimento e desenvolvimento da inteligência e capacidade de seus alunos. “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática” (FREIRE, 1991).

Educar para as mudanças

A ligação entre o professor e o aluno deve partir da empatia estabelecida entre ambos, da facilidade do docente em ouvir, refletir e discutir as variáveis existentes no conhecimento, assim, estabelecendo uma ligação de informações que busquem no educar uma abordagem global que se trabalhe, além da formação, o lado do cidadão com deveres e responsabilidades sociais que vive em um mundo de grandes mudanças.

Lima (2001, p. 45), afirma que:

Para definir as características da formação contínua, partimos da rede de relações que envolve a prática dos professores: o conhecimento, a instituição, o coletivo, os alunos, a organização escolar, as relações de trabalho, a política educacional na sociedade e o momento histórico em que estamos vivendo.

Segundo Vygotsky (1984), esse vínculo professor-aluno não deve ser imposto, mas sim, deve ser uma ligação de cooperação, de respeito e de crescimento, no qual o aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo na construção do conhecimento. Assim, o educador tem um papel fundamental nesse crescimento, pois é o indivíduo com mais experiência. Por essa razão cabe ao professor também, considerar o que o aluno já sabe na sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem, assim se pode ver as transformações na educação.

As tecnologias e metodologias, que colaboraram para as modificações na educação, se definem como uma forma sistemática de planejar e avaliar o processo ensino-aprendizagem, empregando uma combinação de recursos humanos e não humanos para obter um ensino mais efetivo, isso é desafiador para o docente que deve procurar sempre estar à frente dessas reformas na educação. (GARUTTI E FERREIRA, 2015).

Com o cenário novo da tecnologia educacional, percebe-se que o estudante está cada vez mais apto a enfrentar as alterações vividas nessa abundância de recursos disponíveis atualmente, isso implica que ele deve focar o que estiver pesquisando e ter

o discernimento para reunir informações consistentes nos seus resultados durante a investigação dos dados. Assim, passa a aprender e a contribuir com o método e a elaboração de seu próprio universo de estudo. (BARBOSA, 2009).

Enquanto que, na relação do professor, as alterações estão no seu papel social, passando a ser um facilitador e não mais um elemento que dispõe de informações, como aquele que transmite o conteúdo apenas. Ele é o facilitador para que o aluno converta as informações adquiridas em percepção aplicável. Possui também a função de encorajar positivamente a prática da reflexão e a da crítica permitindo que os próprios alunos busquem as soluções para os próprios problemas; isto é, que possuam autonomia de decisão. (BARBOSA, 2012; MORAES, 2007).

Desse modo a utilização das novas tecnologias em sala é adaptável e inovador, fazendo o aluno assumir um papel ativo na aprendizagem, dispondo de métodos diferentes que facilitem o saber-fazer. Então, a partir da criação de seu entendimento, as novas tecnologias são utilizadas para elaboração da aprendizagem, dado que se compõem um novo universo didático onde se constroem aquisições para se produz igualmente conhecimento, no domínio dos instrumentos cognitivos (AMANTE, 2011; PUENTES E ARRUDA, 2011).

Quebrando paradigmas metodológicos

Para Oliveira e Chadwick (2008), as pessoas aprendem de forma diferente e única, a maneira que as pessoas preferem receber as informações diferencia uma das outras, então o professor deve estar atento e respeitar as particularidades, ajustando a forma que vai apresentar os conteúdos.

Quando se aviva educadores para que vejam a necessidade de renovar o ensino e o estudo nas instituições, se busca superar paradigmas tradicionais, esses que levam à reprodução do conhecimento limitado, impedindo a criatividade dos alunos e que eles ultrapassem práticas e introduzam um novo olhar para as necessidades e anseios do cidadão contemporâneo e considere o educando como parte de um todo harmonioso, no qual são interdependentes e capazes de se relacionarem, assim progredindo (BEHRENS,2005).

Segundo Gusdorf (1978), “quanto mais se desenvolvem as disciplinas do conhecimento, diversificando-se, mais elas perdem o contato com a realidade humana”. Vê aqui citado a importância da interdisciplinaridade como forma de flexibilizar os conteúdos, trazendo para o ambiente escolar diversidade de conteúdo interligados, gerando uma rede de conhecimento, apresentando uma alternativa de mesclar conteúdos que interagem de forma mais prática, estabelecendo o diálogo cotidiano e o saber formal.

Embora com todo esse aparato de métodos e medidas de promover uma educação de qualidade no mundo de hoje,

se percebe também a fragilidade de alguns educadores em se enquadrar nas mutações ocorridas, alguns não estão prontos para promover essas mudanças na educação. Se faz imprescindível estar aberto às novidades e procurar diferentes métodos de trabalho, partindo de uma análise individual e coletiva das práticas (BELOTTI e FARIAS,2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas abordagens, percebe-se que a relação estabelecida entre o docente e o aluno é de extrema importância para o aprendizado, e permitiu refletir sobre as modificações que ocorreram no papel do professor e o cenário em que ele atua hoje, visto que, passou por transformações intensas com o advento da tecnologia. Assim viu-se também as relações estabelecidas entre o saber e o fazer na conjuntura do educar e aprender.

Em tempos atrás, via-se que essa relação não era mútua, existia o professor dono do saber e o aluno receptor do conhecimento, hoje vê a grande mudança que existe, pois, o professor não é só quem transmite a informação ele deve fazer com que seus alunos interajam, reflitam e aprendam de forma a emitir opiniões, estimulando a busca pelo conhecimento, mantendo-se sempre por dentro de toda transformação existente a nível tecnológico, social, cultural, econômico e político.

Mediante os avanços tecnológicos sabe-se que, esse deve ser um grande aliado do professor e aluno, para que se estabeleça métodos mais avançados de procura pelo conhecimento em

tempo real, mas viu-se que, o professor ainda é a ponte que nortear as informações fornecidas pelos meios tecnológicos e ainda existem alguns que não conseguem acompanhar os avanços nos dias atuais.

A atualização docente é algo pertinente nesse momento de avanços na educação, um docente que está sempre se capacitando ele está sempre a par das discussões realizadas na sala de aula e permeia o desenvolver de toda análise crítica-reflexiva do aluno com louvor.

Observou a necessidade de incentivar ambos (professor e aluno), para que a aprendizagem flua, onde todos saibam seu papel ativo e reflexivo durante esse percurso tão importante de qualidade no ensino. Ao aluno é eficaz a dedicação e ao professor o incentivo das práticas pedagógicas de maneira a fazer com que ambos desfrutem de momentos de contentamento em sala de aula.

Se faz necessário manter um trabalho reflexivo sobre as práticas que transpassam a profissão docente e que dão continuidade ao processo de ensino. Esse trabalho depende também de uma conjuntura entre escola e sociedade, pois são grandes influenciadores na formação, contribuindo para uma transformação estrutural da educação.

Portanto se conclui que a relação entre o professor e o aluno ainda precisa de muitas pesquisas científicas e incentivos para que se possa melhorar cada vez mais esse vínculo, pois só assim, ampliará a qualidade do ensino e terá alunos com

habilidades e competências na sua formação com a participação da sociedade e da escola, sendo um desafio constante dentro e fora da sala de aula.

REFERÊNCIAS

AMANTE, L. Tecnologias digitais, escola e aprendizagem. **Ensino em revista**, 2011.

BARBOSA, R. (2009). Perspectivas do uso do computador no ensino. **Programa Permanente de Capacitação Docente**. Valinhos, SP: Anhanguera Educacional, 2009.

BARBOSA, C. M. A. M. (2012). A aprendizagem mediada por TIC: interação e cognição em perspectiva. **Associação Brasileira de Educação a Distância**, 2012.

BELOTTI, S.H.A; FARIA, M.A., Relação Professor/Aluno, **Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 1 – nº 1 – 2010**

BEHRENS, M. A., **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P., **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GARUTTI, S., FERREIRA, V. L. Uso das tecnologias de informação e comunicação na educação. **Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, 2015.

GUSDORF, G. **A agonia da nossa civilização**. São Paulo: Convívio. 1978.

LIBÂNEO, J. C., **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

LIMA, M.S.L., **A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MORAES, U. C. **Tecnologia educacional e aprendizagem: o uso dos recursos digitais**. São Paulo: Livro Ponto, 2007.

OLIVEIRA, J.B.A.; CHADWICK, **Aprender e ensinar**. 9ªed. Belo Horizonte: Instituto Alfa e Beto, 2008.

PIMENTA, S.G., **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 4. ed. – São Paulo, SP: Cortez, 2005.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 36. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

PUENTES, R. V.; ARRUDA, D. E. P. A docência no ensino superior: a formação de professores para atuar com tecnologias na educação presencial e a distância. **Ensino em revista**, 2011.

SILVA, G.B.; FELICETTI, V. L. Habilidades e competências na prática docente, **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, 2014.

FORMAÇÃO DOCENTE: ESPAÇO DE LUTA E CRIAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Silvestre Coelho Rodrigues,
Doutor, UFPB,
Aureliana da Silva Tavares,
Mestra, UFPB
Suely Aragão Azevedo Viana,
Mestre, UFPB

IDEIAS PRELIMINARES...

O presente artigo busca apresentar os fatores que constituem a educação como prática social que deve ser sempre renovada, pois reeducar-se com o intuito de acompanhar as evoluções da sociedade é necessário.

A educação crítica é uma inovação no processo de ensino-aprendizagem que dá espaço a um ambiente social para os estudantes, sendo este um novo padrão no modelo do ensino brasileiro.

É na escola onde o aluno adquire conhecimentos científicos e desenvolve sua capacidade crítica sobre determinados assuntos, para tanto é de extrema relevância a participação do

professor neste processo, uma vez que o diálogo com os discentes é outro ponto central na pedagogia crítica e libertadora de Freire. Para o desenvolvimento deste artigo realizamos algumas leituras nas obras de Paulo Freire tais como: Educação como Prática da Liberdade, Conscientização Teoria e Prática da Libertação, Dermeval Saviane com Escola e Democracia entre outras fontes tão importante quanto as supracitadas. Tais leituras favoreceram a construção de uma visão de que a sociedade precisa lutar por uma educação emancipatória que valorize sua cultura, seus conhecimentos não tornando uma mão de obra barata nas mãos das grandes corporações.

Acreditamos, que com uma educação emancipatória, construiremos uma sociedade em que de fato haja o respeito ao próximo, no processo de socialização do crescimento intelectual através da troca de ideias, das relações pessoais e interpessoais.

INTRODUÇÃO

A história da educação brasileira traz consigo uma longa trajetória de reformas e mudanças desde o período colonial, até os dias atuais, uma vez que toda política educacional é um reflexo dos fatos ocorridos nos setores econômicos, sociais e políticos de um país, num determinado momento histórico e social.

Tendo em vista que a maioria do nosso alunado possui dificuldades relacionadas ao acesso e a sua permanência tanto na escola como nas instituições de ensino superior, não podemos deixar de interligá-los com a situação socioeconômica do Brasil, pois as condições financeiras e sociais da população interferem no grau de escolarização destes.

Destarte, a maioria dos pesquisadores não consideram as dificuldades enfrentadas pelo povo como um fato histórico importante, e que está presente desde as comunidades antepassadas, e sim como um problema que o governo atual precisa saber lidar com a situação, uma vez que não é necessário reconstruir a mentalidade e o modo de viver do povo, mas antes explorar o mundo intelectual destes.

Os obstáculos que a classe menos favorecida socialmente precisa se defrontar para ter seu direito garantido com relação aos estudos vai muito além da capacidade intelectual do indivíduo, pois para que estes consigam permanecer na escola é necessário

que tenham suas necessidades básicas preservadas, como, por exemplo, sentir-se seguro dentro de uma casa, alimentar-se bem, ter uma boa dormida e momentos de lazer, pois o homem é um ser integralizado e não conseguimos dissociá-lo.

Ao falarmos de uma educação crítica, precisamos primeiro conhecer o significado da palavra “crítica”. Etimologicamente, vem do grego “krimein”, que sugere “quebra”, “destruição”. Para Ferreira (2014) significa apreciação sobre alguma coisa; opinião contrária ou negativa; e capacidade de julgar.

Pensar na educação com uma visão crítica, atualmente é tido como uma necessidade do processo de ensino-aprendizagem que vem se destacando cada vez mais em documentos oficiais, desde os anos iniciais da educação até o ensino superior. O desenvolvimento da criticidade no ambiente escolar está interligado à ideia de educação numa dimensão crítica, ou seja, uma educação voltada para a cidadania e democracia.

A educação é um prática social que deve ser renovada sempre, pois reeducar-se com o intuito de acompanhar as evoluções da sociedade é necessário. A educação crítica é uma inovação no processo de ensino-aprendizagem que dá espaço a um ambiente social para os estudantes, sendo este um novo padrão no modelo do ensino brasileiro.

As interfaces de uma educação crítica na sociedade contemporânea

A educação crítica permite ao alunado que este seja uma pessoa holística, uma vez que o mesmo passa a ser mais ativo, mais participativo, e sua capacidade interpretativa estará voltada também ao seu cotidiano, evitando assim a formação de indivíduos analfabetos funcionais.

A educação crítica visa realizar interligações entre as práticas educacionais e culturais e a luta pela justiça social e econômica, direitos humanos e uma sociedade democrática, com o intuito de se ampliar as compreensões críticas e as práticas libertadoras.

Até em meados da década de 60, as escolas estava preocupadas apenas em formar pessoas mecanicistas, no entanto a partir dos anos 70, com Paulo Freire, um educador e teórico brasileiro, esta teoria foi se transformando e as instituições passaram a discutir este novo modelo de educação, no qual devemos formar cidadãos capazes de discutir e debater sobre diversos assuntos, sendo estes atentos no cenário mundial em que vivemos.

Paulo Freire em sua obra *Conscientização Teoria e prática da libertação*, p. 9, diz “toma corpo a ideia de uma educação libertadora que contribua para formar a consciência crítica”, considerando o processo educativo como forma de possibilitar a mudança e o desenvolvimento de uma consciência que ele chama de consciência ingênua para um outro tipo de pensamento, ou

consciência crítica. Esta mudança na forma de pensar e agir do professor em sala de aula, ocorre quando o docente incentiva, problematiza e auxilia seu aluno a refletir sobre sua realidade nos diversos aspectos.

Para que se possa alcançar uma educação autenticamente libertadora, é necessária uma ação consciente a fim de transformar a realidade em que nos encontramos. Assim, a práxis desenvolvida por Freire toma como ponto de partida duas diferentes abordagens: a problematização e o diálogo, os quais se configuram como condições indispensáveis para o exercício da liberdade. Na perspectiva freiriana, a problematização,

[...] é o processo em que estudantes e professores fazem perguntas críticas acerca do mundo em que vivem, sobre as realidades materiais que ambos experimentam cotidianamente e em que refletem sobre quais ações eles podem realizar para mudar essas condições materiais. (FREIRE, 2007, p. 67)

No entanto a maioria do nosso alunado possui dificuldades relacionadas ao acesso e a sua permanência tanto na escola como nas instituições de ensino superior, não podemos deixar de interligá-las com a situação socioeconômica do Brasil, pois as condições financeiras e sociais da população interferem no grau de escolarização destes.

A sociedade no olhar da educação emancipatória

Podemos alegar que a maioria dos pesquisadores não consideram as dificuldades enfrentadas pelo povo como um fato histórico importante, e que está presente desde as comunidades antepassadas, e sim como um problema que o governo atual precisa saber lidar com a situação, uma vez que não é necessário reconstruir a mentalidade e o modo de viver do povo, mas antes explorar o mundo intelectual destes.

Os obstáculos que a classe menos favorecida socialmente precisa se defrontar para ter seu direito garantido com relação aos estudos vai muito além da capacidade intelectual do indivíduo, pois para que estes consigam permanecer na escola é necessário que tenham suas necessidades básicas preservadas, como, por exemplo, sentir-se seguro dentro de uma casa, alimentar-se bem, ter uma boa dormida e momentos de lazer, uma vez que o homem é um ser integralizado e não conseguimos dissociá-lo.

A escola como instância formadora, constitui desafios, que a sociedade vai apresentando ao sujeito e, é na necessidade, na mediação e na vivência desses papéis que o indivíduo constrói sua identidade pessoal e social e adquire seus ideais de ética e de cidadania. É na escola também que são definidos: quem faz, o que faz, onde faz, porque faz e como faz nos contextos socioculturais (RODRIGUES; RODRIGUES, 2015, p. 2-3).

A partir de tal reflexão, podemos afirmar que é na escola onde o aluno adquire conhecimentos científicos e desenvolve sua capacidade crítica sobre determinados assuntos, para tanto é de extrema relevância a participação do professor neste processo, uma vez que o diálogo com os discentes é outro ponto central na pedagogia crítica e libertadora de Freire, que afirma que

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p. 45).

Partindo do pressuposto de que a educação é o berço de uma nação e que uma sociedade se constrói com base em uma educação emancipatória fomentamos o desejo de lutarmos por uma educação indagadora, questionadora, capaz de formar cidadãos mais críticos, empoderamento na luta por melhor qualidade de vida.

A construção do entendimento de uma educação emancipatória traz intrinsecamente o papel do educador como mediador do ato de aprender. Assim, diante de tais fatos e fazendo uma contextualização com a atual conjuntura que rege nosso sistema sócio-político-econômico.

Com base no que desejamos para nossa nação e o que de fato vem acontecendo, gradativamente, em nosso país, torna-se uma contradição, a luta por uma educação emancipatória e

frente as propostas educacionais que vem sofrendo a organização do sistema educacional brasileiro.

Receia-se a formação de uma sociedade com base em sujeitos autônomos, contraditoriamente aos caminhos que hoje assolam nossa educação e que interferem em todo contexto, seja sócio, político, econômico e/ou cultural impactando-o viés que percorre a visão política do nosso país.

As mudanças, que vem gradativamente se concretizando, partiram de projetos de leis e que passaram a ser uma medida provisória interferem substancialmente em todo o currículo educacional do nosso país. A Medida Provisória nº 746, que trata da reformulação do ensino médio se configura em uma das maiores mudanças ocorridas na Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira (LDB) nº 9694 de 1996. Assim, Brzezinski ,2014 ,p. 31 acrescenta dizendo que

Quanto ao espírito dessas novas inserções, revela-se marcante a busca de maior inclusão no processo educativo institucionalizado de sujeitos menos contemplados com os benefícios da educação: os segmentos etnoraciais (indígenas e afrodescendentes): jovens e adultos não escolarizados na faixa etária regular; estudantes residentes longe das escolas; jovens e adultos socialmente desfavorecidos; garantia de maior controle quantitativo e qualitativo do desempenho escolar dos estudantes. Ampliação do tempo de escolarização (ampliação para 9 anos do ensino fundamental), consolidação dos conteúdos curriculares (ensino religioso,

ensino de arte, de Filosofia e de Sociologia, direitos da crianças, princípios de proteção e defesa civil, educação ambiental); implantação de um currículo de base nacional, articulado com componentes de referencia local

Se as mudanças apresentadas pela autora estivessem contempladas nas medidas provisórias seria mais “fácil” construir uma sociedade mais crítica, com base em uma educação emancipatória, atrelada a valorização cultural do mundo dos educando, e tendo o diálogo como o coração da construção dessa nova nação.

A Medida Provisória nº 746 chamou também a atenção por incluir em uma de suas muitas mudanças contratação de professores com notório saber, vislumbrando em um cenário com amplas escolhas seja na formação tradicional ou técnica possibilitando também a escolha por uma educação integral. Com tantas mudanças e escolhas vem a indagar sobre o perfil de nossos educandos. Será que nossos educandos ao chegar no Ensino Médio terá maturidade suficiente para realizar a “melhor” escolha para sua formação? Ou estarão mais preocupados em buscar algo que lhe de subsídios para suprir suas necessidade de sobrevivência, ou seja suas necessidades básicas.

O reflexo da desvalorização docente na sala de aula

A tomada de decisão partindo de uma classe com salários irrisórios para sobreviverem em nosso mundo e que precisa

trabalhar simultaneamente em período de escolarização buscar uma formação continuada a nível superior se torna mais difícil, pois as necessidades de sobrevivência prevalece em suas decisões esquecendo de refletir que o sistema capitalista se preocupa de forma direta com o lucro da empresa e se não buscarem uma formação mais qualificada com uma visão mais crítica de mundo ficará mais difícil sua sobrevivência na sociedade. Assim Apple esclarece dizendo que

A maioria das grandes corporações são tudo o que quiserem, menos democráticas. De muitas formas, são mais totalizadas do que se admite abertamente. Assim sendo, os empregados são cortados de forma impiedosa. Os lucros são muitos mais importantes do que a vida, as esperanças e o bem-estar dos empregados que dedicaram sua vida, profissional a essas empresas. Em geral, nenhum nível de lucro consegue tornar esses empregos seguros. O lucro tem de aumentar constantemente, não importa o que custe às famílias e aos empregados. É necessário perguntar se essa é a ética que devemos introduzir com o modelo para nossas instituições e para nossos filhos. (APPLE, 2003 p.22)

Com base em tais elementos a preocupação caminha na contemplação de uma educação crítica capaz de construir uma sociedade em que tenha algo a acreditar, lutar, questionar, solucionar através de princípios norteadores não obstante do universo interior e exterior. A sociedade precisa lutar por uma educação

emancipatória que valorize sua cultura, seus conhecimentos não se tornando uma mão de obra barata nas mãos das grandes corporações. Acreditamos, que com uma educação emancipatória, construiremos uma sociedade em que de fato haja o respeito ao próximo, no processo de socialização do crescimento intelectual através da troca de ideias, das relações pessoais e interpessoais. É o educando quanto ser, quanto pessoa no universo interior e exterior, é o educando de fato no mundo e com o mundo.

A construção de uma sociedade menos excludente em que pessoas se sintam menos marginalizadas parte do eu para o nós. Parte da iniciativa do eu para alcançar o nós. Vem de dentro pra fora, da luta por melhor qualidade de vida e respeito no espaço social. Vem das atitudes vivenciadas no contexto cultural, das relações pessoais e interpessoais. Vem da necessidade de lutarmos por uma política que contemple as verdadeiras necessidades da nação, a qual podemos defender ao longo da nossa vida quando adquirimos a consciência de que o mundo é construído através das nossas ações e reivindicações.

Apesar das mudanças ocorridas no currículo educacional ocasionar posições divergentes das já expostas, tais fatos é algo de reflexões em diversos ângulos da nossa sociedade. Assim Cossio, p.1586, 2014 esclarece dizendo que

As decisões em torno do currículo mobilizam posições divergentes, reflexões e discussões em vários âmbitos, sobretudo no âmbito acadêmico. Isso justamente porque revelam projetos, perspectivas, conceitos so-

bre sociedade, educação, ensino, professor, aluno, enfim, dependendo dos contornos dados e, portanto, sobre o que se espera em termos de formação das crianças e jovens deste país, vai se configurando qual projeto educacional está em pauta.

Devemos lutar e acreditar pela existência de que em pequenos gestos em conjunto se torne grandes ações. Não para que venha a contemplar apenas uma parcela X da população mas que todos de fato tenham direitos iguais. Que tais ações, a luta por uma educação de qualidade, emancipatória, crítica, venha a fazer o bem aquele que procura um apoio, uma força, que acredita na educação e através dela favoreça sonhos a serem não apenas almejados, mas realizados.

Quando falamos em uma sociedade menos excludente, nos referimos não ao universo maior dos problemas causados pelos processos de consolidações políticas que vem a desfavorecer em certa parte a estrutura que deslumbra a educação atual, falamos da quebra da hegemonia que assola os grupos sociais dominantes. O medo da perda do poder do domínio, do ser exaltado, da centralização. Quando rompe uma barreira, conquistamos uma vitória, mesmo que não seja contemplada por todos, mas que venha a favorecer e equalizar as oportunidades sócio-política-econômica para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto, ressaltamos que falar da necessidade de defendermos uma educação crítica com base no universo sócio-econômico-cultural do aluno, faz refletir todo o contexto que o interage, seja de forma direta ou indireta, seja de forma ativa ou passiva, seja de forma reflexiva ou alienada.

Buscar apresentar reflexões no âmbito da educação crítica emancipatória desenvolvida não só por Paulo Freire mais através de outros teóricos seja da escola nova seja da sociedade pós-moderna do século XX / XXI foi um dos pontos fundamentais deste artigo.

A necessidade de cada dia tentar construir uma sociedade que contemple o acesso e permanência dos alunos na escola contemplando uma cidadania plena é o que a educação com enfoque na criticidade, diálogo, reflexão, buscar construir ao longo dos anos.

A valorização do modo de vida do povo brasileiro, o orgulho de ser quem são, a diversidade cultural existente deve ser enaltecida nas práticas pedagógicas, nos diálogos existentes do processo de ensino-aprendizagem na construção do ato de ler e entender os dilemas que perpassa por toda organização do nosso sistema político-econômico-social.

Diante dos percalço que o sistema educacional como um todo vem enfrentando, principalmente no governo de Michel Miguel Elias Temer Lulia, podemos ressaltar que essas mudanças

vinda através de medidas provisórias, torna-se uma contradição entre a luta por uma educação crítica emancipatória e as propostas educacionais que vem sendo apresentadas, chegando a alterar algumas propostas apresentada na Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira 9394/96 no que tange o currículo educacional brasileiro.

Assim, a luta por uma sociedade menos excludente, que viabilize a construção de um povo para melhores qualidades de vida, advém de uma educação crítica emancipatória e que contempla os ideais de uma população. Que a voz do povo seja ouvida e através da luta, enfim, conseguir de fato para todos os cidadãos brasileiros o acesso e permanência em uma educação de qualidade, numa escola de qualidade.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade.** Tradução de Dinah de Abreu Azevedo; revisão técnica de José Eustáquio Romão. São Paulo. Cortez. 2003.

APPLE, Michael W. GENTILI, Pablo. (org.) **Pedagogia da Exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995 – (Coleção estudos culturais em educação) pág. 228 – 250.

AQUINO, Yara. **Educação: com crise econômica, pais mudam filhos de escolas privadas para públicas.** EBC, 2016. Disponível em: < <http://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/>

noticia/2016-02/crise-economica-provoca-mudanca-de-alunos-de-escolas-privadas-para-publicas>. Acesso em 04 dez. 2017.

AVEIRO, Jorge Fernando Hermida. **A Reforma Educacional no Brasil (1988-2001):** processos legislativos, projetos em conflitos e sujeitos históricos. 04 mar. 2002. 428f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 04 mar. 2002. Disponível em:< file:///C:/Users/suely/Downloads/AveiroJorgeFernandoHermida.pdf>. Acesso em: 30 out. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida.** Tradução de: The art. of Life. Tradução, Carlos Alberto Medeiros; Jorge Zahar - Rio de Janeiro: Editora ZAHAR. Ed. 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **A Vida Fragmentada** — Ensaios sobre a Moral Pós-Moderna Título original: Life in Fragments — Essays in Postmodern Morality (1995). Tradução: Miguel Serras Pereira. Revisão de texto: Frederico Sequeira. Lisboa. Editora Relógio d'água. 2007.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Aceso em 15 nov. 2015.

BRZEZINSKI,Iria. LDB/1996 (Org.). **Contemporânea – contradições, tensões e compromissos.** São Paulo: Ed. Cortez, 2015. EVA WAIROS

Revista Científica e-Curriculum. Dossiê Temático: **Debates em torno da ideia de Bases Curriculares Nacionais**, 2014, v. 12, n. 3. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/issue/view/1331>

FERREIRO, Emília: Reflexões de uma Alfabetizadora. Editora Cortez. 2ª ed. 1985.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 30 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se complementam**. 47 ed. São Paulo; Cortez, 1992.

_____. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Conscientização Teoria e Prática da Libertação: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo escolar da educação básica 2016: Notas Estatísticas**. Brasília-DF: Fevereiro de 2017.

RICHARDSON, Roberto Jarry(org.). **Exclusão, Inclusão e Diversidade**. João Pessoa: Editora Universidade da UFPB, 2009.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho (org.). **Formação Docente: Contribuição do Ideário de Paulo Freire** – João Pessoa: Sal e Terra. 2006.

_____. Janine Marta Coelho, SIMÕES, Mara Leite. (org.).
Um passado sempre presente no fazer pedagógico. João
Pessoa: Fox Editora, 2015.

_____. Janine Marta Coelho. GEGLIO, Paulo Cesar. (org.).
**Contribuições das ideias de Educadores Brasileiros para a
Formação Docente.** João Pessoa: Editora do CCTA, 2016.

TAVARES, Aureliana.; BARREIRO, Ana Maria. O papel do
educador na sociedade pós-moderna. **Revista on line de
Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. esp.
02, p. 1227-1238, nov. 2017. Disponível em: <[http://dx.doi.
org/10.22633/rpge.v21.n.esp2.2017.10162](http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v21.n.esp2.2017.10162)>. E-ISSN:1519-9029.
Visitado em 15 de janeiro de 2018

_____. Aureliana da Silva. **A contribuição freireana
para a formação docente rumo à inclusão.** João Pessoa: Sal da
Terra, 2016.

_____. Aureliana da Silva. **A concepção de Leitura em
Paulo Freire.** Monografia (graduação) – UFPB/CE. João
Pessoa. 2017.

DISCUTINDO A DOCÊNCIA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR COM VISTAS A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EJA

Janine Marta Coelho Rodrigues,
Doutora/PhD, UFPB
Eloíde Teles Silva Grisi,
Especialista, CESF.

IDEIAS PRELIMINARES...

Este artigo apresenta uma análise preliminar referente a formação docente, no contexto atual da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o qual é um protagonista nos diversos desafios da docência.

A partir da Lei 9394/96, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é apresentada como direito e entra como uma modalidade na educação básica. Este estudo também vislumbra a possível contribuição na formação de professores como um componente de política pública. Para tanto, esta pesquisa de natureza teórica foi organizada a partir de estudos da LDB, IBGE e bibliografias pertinentes. Este artigo levanta crítica às políticas públicas atuais, pois faz-se necessária uma emergente resignificação

educacional a fim de contribuir eficazmente com métodos de ensino-aprendizagem nas propostas para o Plano Nacional de Educação, quando o foco é a EJA.

As atividades educacionais desenvolvidas na formação docente necessitam da práxis como base indispensável no compartilhar do saber entre o ser em seu meio social. Esta abordagem implica em maior abertura das instituições educacionais principalmente quando o público envolvido é da EJA. É um estudo complexo pois envolve diversos protagonistas e fatores: o/a docente, o/a jovem, o/a idoso/a, o MEC, as instituições públicas e privadas, as políticas públicas, os direitos humanos, dentre outros.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino amparada pela lei 9.394/96, com a proposta de incluir pessoas que por algum motivo não tiveram acesso ao ensino regular na idade apropriada. Trata-se de um público especial e, portanto, necessita-se de uma formação de professores com especificidades pontuais a este alunato diferenciado.

Para tanto, esta pesquisa de natureza teórica (ALVES, 2003), foi organizado a partir de estudos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e algumas obras literárias, com destaques aos seguintes autores: Alves, Andrade, Calado, Franco e Libâneo, Freire, Daros, Davini, Gatti, Gramsci. Marcelo, Marx e Engels. Messina, Rodrigues e Gaudêncio, Roldão, Sacristán, Saviani, Severo e Pimenta, Soler e Vilanou, Úcar, dentre outras pesquisas bibliográficas que complementam e aprofundam a temática abordada. Também foram utilizadas como fonte de pesquisa os dados online do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Estas obras estudadas apresentam sustentação, reflexões e considerações importantes, com foco na formação docente. É uma partilha de saberes literários, com característica qualitativa, tendo como objetivo pautar um estudo preliminar envolvendo alguns dos problemas enfrentados pelos profissionais em docência ao ministrarem aulas ao público da EJA.

A formação docente no contexto da EJA evidencia-se a influência do marxismo no processo de ensino-aprendizagem para esta modalidade. Percebe-se que a história como sociedade antiga, feudal, burguesa apresenta o ser humano nas relações de produção como um desenvolvimento peculiar específico em seu contexto, para a humanidade.

Verificando as bases legais para esta formação docente à EJA, existe amparo pela LDB, em seu Art. 61, a qual afirma que há necessidade de uma “formação de profissionais da educação de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando” (BRASIL, 1996).

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (Parecer CEB nº 11/2000), em concordância com a citada LDB, há um direcionamento para a formulação de projetos pedagógicos próprios, nos quais o perfil do/a aluno/a jovem e adulto/a e suas situações reais constituam o núcleo da organização do projeto pedagógico dos cursos desta modalidade. Estas diretrizes apontam, principalmente, três importantes fundamentos básicos referente as funções na EJA, que são: restaurar o direito a uma educação de qualidade, restaurar a trajetória do ensino-aprendizagem a este perfil diferenciado de alunato e qualificadora na fomentação de atualização ao conhecimento, quando permite um link como princípio educativo concomitante ao cotidiano de trabalho deste público da EJA.

Ao minuciar estas bases legais no âmbito das políticas públicas educacionais nos deparamos com um enorme desafio.

Apesar da legislação afirmar que a educação é um direito de todos, o que se percebe atualmente é a oferta reduzida à modalidade EJA e cada vez menos acessos a escolas que possuem autorização para atender a este público diferenciado.

Há um enorme descaso das secretarias estaduais e municipais, as quais não estão assumindo suas responsabilidades no que se refere a oferta nas redes públicas de ensino à EJA. Isto inclui também uma atenção a propostas educacionais compatíveis com a realidade e a aspiração dos/as próprios/as jovens, adultos/as e idosos/as da classe trabalhadora, o que remete a um aumento de desafios a docência, pois é o professor que media estas questões complexas.

Portando, a EJA apresenta tanto uma diferenciação da escolarização regular quanto uma diferenciação a especificidade etária e especificidade sócio-histórico-cultural conforme apontam FERRARI e AMARAL (2010). Em meio a estes paradoxos contemporâneos, o docente também se depara com outra importante situação quando o assunto atual reporta a tecnologias.

O mundo está girando em função de mídias nas mais diferentes modalidades e abrangências possíveis. O que mais impressiona é a velocidade de informações que permeiam todas as áreas, incluindo os saberes, que são produzidos velozmente. Consequentemente aumentam os desafios da EJA, tanto na formação docente, quanto o próprio público da EJA: Ambos não estão preparados para esta inserção na educação nesse universo da informação.

DAROS (2018) diz que em conversa com alunos/as da educação básica regular, os/as questionando sobre os modos de ensinar e aprender, onde o ensino por parte dos/as docentes é transmissivo e centrado unicamente no conhecimento do/a mesmo/a, os/as alunos/as apresentaram desmotivação e muitas insatisfações. Este quadro não é diferente para o público da EJA, os quais tem muito a contribuir com suas experiências diárias e necessitam também compartilhar o que trazem em suas bagagens de vida, oportunizando trocas de saberes com os/as docentes e seus/suas colegas.

A educação precisa de uma urgente transformação. As instituições educacionais necessitam de mudanças emergentes para atender a sociedade neste contexto atual de informação e velocidade de saberes que chegam e vão quase imperceptíveis, na maioria das vezes. Na verdade, vivemos um momento que pede, de certa forma, uma desconstrução de um saber que se mostrou desatualizado. É necessária uma ressignificação epistemológica, conforme apontado por SEVERO e PIMENTA (2015), pois o passado e a contemporaneidade fazem parte da história e ressignificação e/ou desconstrução não significam apagar o passado, nem destruir tudo o que foi elaborado na educação, mas em atender estas necessidades emergentes diante das mudanças do mundo em que vivemos.

É necessário olhar para trás, sem menosprezar tudo o que foi ensinado, ressignificar e avançar no campo da educação e principalmente na formação docente, conforme necessidades

atuais, neste processo de ensino-aprendizagem. (SOLER, J. e VILANOU, C., 2011)

Dentro desta perspectiva contemporânea, o novo docente precisa estar apto para atuar no campo educacional, em todas as modalidades existentes. Para tanto, as políticas públicas precisam também acompanhar este processo novo. A sociedade costuma ser fragmentada nas mais diferentes áreas existentes, porém quando o assunto é educação, a problemática aumenta. Essa fragmentação notória precisa deixar de existir e se fundir em um só propósito: educar sem fronteiras. A educação contemporânea inclui a EJA, que de longe torna-se a mais frágil modalidade nesse processo.

A realidade de outrora deixa de existir a cada dia que passa. O lápis, a caneta, o caderno, a lousa de giz, estão tornando-se obsoletos. E a formação docente para este campo de educação moderna, em que momento está, quando o foco é o público da EJA?

Com vistas a este e outros questionamentos, esta pesquisa pretende despertar o interesse dos leitores para um pensar emancipatório, voltado a práxis educacional.

Uma perspectiva emancipadora na formação de professores para EJA

No contexto histórico da EJA no Brasil é impossível deixar de mencionar o grande idealizador desta modalidade,

o educador Paulo Freire. Ele aborda de forma profunda e fundamental que o ser humano é ontologicamente chamado a desenvolver, mesmo nos limites de seu contexto histórico é o verdadeiro e único protagonista em todas as relações que a vida lhe oferece: Feito para o ser mais. (CALADO, 2001, p. 52), Sendo assim, a visão bancária da educação, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam de nada saber. (FREIRE, 2000).

FREIRE (1987), lança um questionamento muito bem pautado em seu próprio caráter emancipatório quando diz que a práxis tão bem fundamentada por MARX (1989) e GRAMSCI (1989), contrapõe ao sistema educacional de forma geral, e ao público que necessita da EJA como modalidade de ensino, pois a pauta é o conhecimento emancipatório libertador. A abrangência desta educação tem um papel maior na sociedade, já que seus sujeitos vivenciam a busca de reconhecimento para e pela cidadania, tão bem defendida por Freire.

FRANCO; LIBÂNEO e PIMENTA (2011) apresentam o/a professor/a como não apenas quem transmite uma informação ou faz perguntas, mas também quem ouve os/as alunos/as. O/A docente deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do docente. As dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos servem também para diagnosticar as causas que dão origem a isso.

Ao tratar da formação de professores/as para a EJA, neste contexto emancipatório, para uma construção de sua profissionalidade docente, conforme abordado por MESSINA (2001), implica em mudança e inovação educacional, com criações alternativas de um trabalho conjunto as secretarias estaduais e municipais, assim como com instituições públicas e privadas, envolvendo o/a docente e seu público tão diferenciado. Isto posto, as políticas públicas deixariam de ser tão excludentes em certos vieses da educação, com vistas ao verdadeiro conhecimento emancipatório.

SOLER e VILANOU (2001), apresentam uma discussão sobre educação e realidade, onde este conflito por assim dizer retrata um certo resgate à temática EJA na educação popular, por sua vez muito bem aplicada, pois o/a docente permeia esta fragilidade por parte de órgãos governamentais, quando assume uma turma da EJA sem ter formação específica comprovada. O/A professor/a é obrigado/a a desenvolver seu trabalho em sala de aula muitas vezes sem base mínima de conhecimentos mais consistente da EJA. Então: Quem é o/a educador/a que trabalha com a EJA e sua formação? Existe caráter emancipatório nesta formação?

Formar docentes para a EJA exige compreender o papel da docência, propiciando profundidade científico-pedagógica, os capacitandos ao enfrentamento de questões básicas da sociedade, que implicam em ideias de formação, reflexão, crítica.

Os desafios da docência à Educação de Jovens e adultos na contemporaneidade permeiam alguns questionamentos, tais como: O que muda no ensino-aprendizagem contemporâneo? Como assegurar a qualidade na formação dos/as próprios/as docentes formadores? Quem são e o que buscam os alunos da EJA?

Por outro lado, a própria sociedade contemporânea necessita de docentes comprometidos com as mudanças sociais emergentes, em uma perspectiva emancipatória. O desafio só aumenta na atual sociedade globalizada, que ganha dimensões cada vez mais complexas. É necessário repensar o currículo e as práticas educativas, que por sua vez influem diretamente na formação docente deste/a profissional que atua na modalidade EJA.

A práxis na contemporaneidade da educação para formação docente

O ser humano, na práxis, necessita se comunicar entre pares. Nesta premissa este ser é um articulador consciente. Trazendo para a realidade capitalista, segundo MARX (1989), o/a trabalhador/a em seu trabalho não desenvolve uma atividade física intelectual, pois o trabalho não é seu, mas de outro/a. Ele/a apenas reproduz.

Contextualizando na formação docente existe uma contraposição sobre a relação entre práxis e conhecimento, ou ainda, práxis e o ensino-aprendizagem que implica na formação do/a aluno/a, que neste estudo refere-se ao público da EJA.

A práxis também contrapõe a relação natural com a relação social. (MARX e ENGELS, 2007). Nesta dialógica do/a trabalhador/a em seu ambiente de trabalho, onde o fazer foge da práxis, conforme apontam NETTO e BRAZ (2009), torna-se uma relação produtiva alienante, sendo esta evidenciada no sistema capitalista, que apresenta este formato de trabalho operacional distante da formação intelectual do trabalhador em seu meio de trabalho.

O docente, como trabalhador está inserido neste sistema e, conseqüentemente vivencia os mesmos conflitos sociais. (NETTO e BRAZ, 2009). Neste momento de emergentes evoluções do mundo contemporâneo inserido na era digital, a formação deste docente necessita ainda mais de amparo legal por meio das políticas educacionais vigentes. (ROLDÃO, 2017).

GATTI (2016) aponta alguns problemas atuais e ressalta a necessidade de conexões entre o ensino formal, o mundo do trabalho, o conhecimento e a vida prática do/a aluno/a concomitante ao/a docente que necessita de uma formação atualizada para mediar as mais diferentes influências midiáticas que fazem parte do atual cenário do mundo, quando em ação profissional com seu alunato, que neste estudo refere-se a EJA.

A práxis entra como precursora neste cenário contemporâneo, porém, conforme ÚCAR (2016) aponta, as pedagogias são um produto sociocultural, sendo que permeiam entre si em um conflito contínuo. Neste processo as políticas públicas não têm contribuído para uma formação docente na práxis, pois o

que se vê são instituições educacionais engessadas quando o assunto é a EJA.

Não há de se negar que vivemos uma crise educacional, apesar de grandes avanços teóricos a respeito da qualidade do ensino, com propostas inovadoras elaboradas a partir de novos parâmetros contemporâneos. (ANDRADE, 2014). Dentro do contexto atual existem reflexões que fomentam discussões pedagógicas voltadas a uma transformação social.

A complexidade na formação docente faz parte destas novas abordagens teóricas. SEVERO (2016), apresenta a pedagogia como base dos saberes e competências do/a professor/a como desafios contínuos em sua formação. O caminho para a práxis tem sido longo e com muitos obstáculos devido aos enormes desafios socioculturais.

Com este olhar Freire apresenta a práxis de forma a construir uma educação crítica libertadora voltada a EJA. Esta educação ampla, se estabelece sem discriminação de classe, cor ou sexo, pois

a educação das crianças, dos jovens e dos adultos tem uma importância muito grande na formação do homem novo e da mulher nova. Ela tem de ser uma educação nova também, que estamos procurando pôr em prática de acordo com as nossas possibilidades. Uma educação completamente diferente da educação colonial. Uma educação pelo trabalho que estimule a colaboração e não a competição. Uma educação que dê valor à ajuda mútua

e não ao individualismo, que desenvolva o espírito crítico e a criatividade, e não a passividade. Uma educação que se fundamente na unidade entre a prática e a teoria, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e que, por isso, incentive os educandos a pensar certo. Uma educação que não favoreça a mentira, as ideias falsas, a indisciplina. Uma educação política, tão política quanto qualquer outra educação, mas que não tenta passar por neutra. (FREIRE, 1992, p.86).

Para a realização desta forma de ver o mundo, na formação docente, ou seja, uma formação voltada para a educação na práxis, a construção do/a educando/a crítico/a, participativo/a, atuante no mundo, é necessário respeitar as diferenças.

O Brasil, nosso país, possui uma pluralidade imensa. Quando se pensa na formação docente é necessário ter respaldo legal por meio de políticas públicas adequadas a essa realidade. Um comprometimento real com a EJA na práxis. Entender esta complexidade é um dos passos para que sejam inseridas nas diretrizes educacionais esta pluralidade. As propostas pedagógicas para esta formação devem contemplar os horizontes de Norte a Sul deste imenso país diverso, pautados na práxis. (RODRIGUES e GAUDÊNCIO, 2004). Bem como de ampliar horizontes para o trabalho da escola como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação docente pode ser o primeiro passo para vencer os desafios da educação contemporânea no campo da EJA. Deve ser vista como uma necessidade de mudança do paradigma de ensino, partindo do modelo passivo, para um desenvolvimento de competências que atendam ao público diverso da EJA. Traduzindo as mudanças aceleradas da sociedade em saberes múltiplos, ROLDÃO (2017), que contemplem uma perspectiva emancipatória baseando a educação pela práxis.

A formação e a profissionalidade docente, se nutre da prática e das teorias da educação, sendo estas, de fundamental importância nesta formação, pois permite aos sujeitos envolvidos, uma variedade de pontos de vista, gerando uma ação contextualizada. Apresentam uma definição da pedagogia como ciência da educação, da seguinte maneira:

A definição da Pedagogia como Ciência da Educação se aporta no reconhecimento multidimensional do fator científico que configura a abordagem pedagógica, distanciando-a, desse modo, de uma matriz positivista que, como explicita Larrosa (1990), acaba negando o modelo de cientificidade multidimensional por afirmar o modelo de ciência formal inspirado nas Ciências Exatas. Definir a Pedagogia como Ciência a partir do Positivismo incorreria na sua própria negação, haja vista que sua natureza como ciência cujo objeto de conhecimento requer uma atitude investigativa praxiológica, en-

traria em contradição com a pretensão de neutralidade axiológica e enfoque puramente descritivo. (SEVERO e PIMENTA, 2015, p. 8)

Em meio a tais considerações, percebe-se que o papel das políticas públicas vai além de ações e programas previstos na Constituição Federal e em outras leis. Mas permeia todos os processos educacionais a fim de capacitar os/as docentes para que estes busquem uma postura de pesquisadores e transformadores. incluindo medidas de reflexão e aprendizagem. (RODRIGUES e GAUDENCIO, 2004)

Partindo da hipótese central dos desafios contemporâneos, percebe-se a importância do docente em acompanhar as mudanças ocorridas no mundo desde o momento de elaborar suas aulas. Manter-se bem informado na era digital é primordial nesta profissionalidade. O público da EJA precisa deste docente apto a estas necessidades emergentes da informação. Em contrapartida, as diretrizes educacionais precisam flexibilizar a organização curricular da EJA, permitindo uma metodologia que tenha como referência a valorização crítica das experiências que esses alunos trazem para a escola. (FREIRE, 2000).

O escopo deste estudo não foi o de achar soluções para os desafios na formação docente enfrentados na educação contemporânea, quando a pauta é a EJA. O principal objetivo foi demonstrar os enormes desafios docentes atuais, com paradigmas sendo derrubados e modelos antes tidos como certos, na educação convencional, sendo questionados.

Inovação não é propriamente uma mudança de paradigmas, e sim estratégia. (DAROS, 2018). É preciso trabalhar a formação docente na pluralidade da cultura, a fim de considerar novas perspectivas emancipatórias com vistas a EJA. As políticas públicas precisam adotar posturas mais abertas e mais compreensivas em relação aos desafios postos no trabalho docente, como SAVIANI (1989), apresenta:

Uma pedagogia articulada com os interesses populares valorizará, pois, a escola; não será indiferente ao que ocorre em seu interior; estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos situar-se-ão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Serão métodos que estimularão a atitude e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos; os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos. (SAVANI, 1989, p. 69 e p. 70).

O docente que atua na EJA vê-se em constante reflexão sobre sua prática em sala de aula, no ciclo docente de AÇÃO – REFLEXÃO – AÇÃO. Para tanto é necessária uma didática

dialógica, com conceito curricular factual, SACRISTÁN (2013), que contemple ferramentas diversificadas, tendo como finalidade a formação integral, crítica e participativa tanto na formação docente quanto a formação do público da EJA, envolvidos neste processo educacional. Isto inclui as relações sociais em que ambos estão inseridos.

Esta pesquisa abre novas discussões, dentre as quais destaca-se a formação docente da EJA na questão curricular, pois há muito que se repensar os currículos dos cursos de licenciatura, para que a formação inicial trate dessa modalidade de ensino.

Este é um tema que traz inquietudes quando o assunto é Educação de Jovens e Adultos (EJA), numa sociedade capitalista, que visa empregabilidade como “sobrevivência” ao ser, o condicionando a cultura do silêncio. (FREIRE, 1987).

O estudo proporciona abertura para grandes debates e discussões num vasto campo ainda a ser explorado. O próprio legado de Paulo Freire deixa um grande desafio em como desenvolver a EJA em uma palpável perspectiva da educação popular emancipatória e libertadora.

A pesquisa também levanta crítica aos/as educadores/as, pois faz-se necessário contribuir com métodos de ensino-aprendizagem nas propostas para o Plano Nacional de Educação, quando o foco é a Educação de Jovens e Adultos, concomitante a educação para e pela cidadania.

As atividades educacionais desenvolvidas precisam ter a prática como elemento indispensável e catalizador no compar-

tilhar do saber entre o ser em seu meio social. Esta abordagem implica em maior abertura das instituições educacionais ao tema EJA na prática.

É um estudo profundo e complexo, pois demanda pesquisas em distintas vertentes, assim como em suas diferentes necessidades envolvendo os diversos protagonistas e fatores: o/a jovem, o/a trabalhador/a, o/a docente, o MEC, as instituições públicas e privadas, as políticas públicas envolvidas, os direitos humanos, dentre outros.

REFERÊNCIAS

ALVES; Magda. **Como escrever teses e monografia** (um roteiro passo a passo). 5ª impressão: Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

ANDRADE, P. D. **Cultura e pedagogia**: a proliferação das pedagogias adjetivadas. Anais do X ANPED SUL. Florianópolis, 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN** (Lei nº 9.394/96). Brasília, 20 de dezembro de 1996.

CALADO, A. J. F. **Paulo Freire**: sua visão de mundo, de homem e de sociedade. Caruaru: FAFICA, 2001.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**: a sociedade brasileira em transição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 37ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra – 29ª edição – 1987

DAROS, T. **Por que inovar na educação?** In: CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar a aprendizagem do aluno. Porto Alegre: Penso, 2018.

DAVINI, M. C. **La demarcación entre la didáctica general y las didácticas especiales.** In: CAMILLONI, María Cristina et al (orgs.). Corrientes didácticas contemporáneas. Buenos Aires: Paidós, 1997.

FRANCO, M. A.; LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. **As dimensões constitutivas da Pedagogia como campo de conhecimento.** Educação em foco. Ano 14 - n. 17 - julho 2011 - p. 55-78.

GATTI, Bernardete A. **Formação de professores:** condições e problemas atuais. Revista Internacional de Formação de Professores, [S.l.], p. 161-171, mai. 2016

GRAMSCI. A. **Concepção dialética da história.** 8. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.

MARX, K. **O capital.** São Paulo: Abril Cultural, 1989.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã.** Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MESSINA, G. **Mudança e inovação educacional:** notas para reflexão. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 225-233, novembro, 2001.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. **Economia Política**: uma introdução crítica. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O que significa o currículo?** In: SACRISTÁN, José Gimeno (org.). Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 16-34.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 43ª. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1989.

SEVERO, J. L. R. L. **Formação e profissionalidade docente**: a pedagogia como base dos saberes e competências do professor. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 2, p. 261 - 279, Mai./Ago. 2016.

SEVERO, J.L, R. L.; PIMENTA, S. G. **A pedagogia entre o passado e a contemporaneidade**: apontamentos para uma ressignificação epistemológica. Revista Inter Ação, [S.l.], v. 40, n. 3, p. 477-492, dez. 2015.

SOLER, J.; VILANOU, C. **Apuntes para la pedagogía del siglo XXI**: del debate postmoderno a un nuevo humanismo pedagógico. Educação e realidade. 26(2):11-29 jul./dez. 2001.

RODRIGUES, J. M. C.; GAUDENCIO, R. **Formação docente**: Coletando Textos, Discutindo Ideias. Editora UFPB, 2004.

ROLDÃO, M. C. N. **Formação de professores e desenvolvimento profissional**. Revista de Educação PUC-Campinas, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 191-202, jun. 2017.

ÚCAR, Xavier. **Pedagogía de la elección**: de la pedagogía social a las pedagogías de la sociocultura. In: SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; POSSEBON, Elisa Gonsalves (Orgs.). Fundamentos e temas em Pedagogia Social e Educação Não Escolar. João Pessoa: EDUFPB (no prelo). 2016

